

DESAFIOS EMOCIONAIS DO MAGISTÉRIO PÚBLICO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO POR MEIO DE AGENTES DE SUPORTE

Symone de Lima Figueiredo de Barros¹

INTRODUÇÃO

O cenário da educação pública brasileira é marcado por inúmeros desafios que extrapolam o campo pedagógico e atingem diretamente a dimensão emocional dos professores. A docência, enquanto prática social e afetiva, envolve uma multiplicidade de papéis que, muitas vezes, sobrecarregam o profissional, tornando-o vulnerável a situações de estresse, desmotivação e adoecimento psicológico.

De acordo com Esteve (1999), o chamado *mal-estar docente* é um fenômeno que expressa o sofrimento profissional diante das contradições entre o ideal de ensino e as condições reais de trabalho. Para Nóvoa (1995), a identidade profissional do professor está diretamente relacionada ao reconhecimento social e à valorização institucional — aspectos frequentemente negligenciados.

Essa problemática, além de pessoal, é estrutural e coletiva, demandando estratégias institucionais que promovam o acolhimento, a escuta e o suporte emocional. Nesse contexto, o presente estudo busca compreender os desafios emocionais do magistério público e propor intervenções baseadas na atuação de **agentes de suporte**: colegas, gestores, programas de formação e redes de cuidado.

1. Docência e sofrimento no século XXI: de um problema “individual” a um fenômeno estrutural

A docência contemporânea conjuga pressões externas (resultados, avaliações em larga escala, mudanças curriculares), condições internas (recursos limitados, multitarefas administrativas) e demandas relacionais (gestão de sala, mediação com famílias, inclusão), fabricando um terreno fértil para sobrecarga, desânimo e cinismo ocupacional. A OMS reconhece o burnout como fenômeno ocupacional no CID-11, caracterizado por exaustão,

¹ Mestranda do Curso de Biologia da Universidade Federal - PE, symonefbarros@email.com;

distanciamento mental/cinismo e eficácia reduzida — enfatizando seu nexo com estressores crônicos no trabalho, não com “fragilidades pessoais” do professor.

2. O que os dados recentes mostram (OCDE/UNESCO): menos tempo ensinando, mais tempo em tarefas e mais estresse

Resultados recentes do TALIS/OCDE 2024–2025 indicam aumento do estresse docente associado ao excesso de tarefas administrativas desde 2018 em parte significativa dos sistemas analisados; em alguns países, o salto foi de mais de 10 pontos percentuais. O estudo também mostra um desequilíbrio entre tempo dedicado a ensino e a atividades não instrucionais, compondo um quadro de ineficiências organizacionais com custo emocional elevado. A UNESCO reforça que escassez/rotatividade e condições de trabalho fragilizadas erodem o status da profissão, demandando políticas urgentes de recrutamento, retenção e suporte.

3. Clássicos que ainda explicam o presente: Esteve, Nóvoa, Tardif e Arroyo

A literatura clássica permanece explicativa. Esteve situa o *mal-estar docente* como efeito de contradições sociais e institucionais; o professor é cobrado por resultados que excedem sua governabilidade. Nóvoa sublinha que identidade e profissionalização dependem de reconhecimento e colaboração entre pares; quando minguem, surgem fragilização e cinismo. Tardif desloca o foco para os saberes da prática (tempo, experiência, cotidiano), frequentemente desvalorizados por políticas top-down. Arroyo relaciona precarização a desgaste e desvalorização do trabalho docente. (Revisão dos clássicos com nova leitura à luz dos dados recentes.)

4. Brasil: evidências emergentes sobre saúde mental de professores

Achados nacionais recentes — em escolas e universidades — mostram estresse relevante, principalmente entre mulheres, com impactos na qualidade de vida e no engajamento. Estudos com DASS-21 apontam perfis heterogêneos: parte com escores normais, parte com ansiedade/estresse aumentados, sugerindo ambientes de trabalho e apoio institucional como variáveis críticas.

5. Por que “agentes de suporte” e não apenas “ações pontuais”?

A evidência internacional e nacional converge: espaços de escuta estruturados, mentorias, apoio psicossocial e formação continuada com foco em bem-estar reduzem estresse e elevam satisfação — mas tendem a fracassar quando isoladas e não institucionalizadas. Assim, propomos agentes de suporte (formais e informais) como figuras estruturantes: organizam, articulam e sustentam as ações, conectando gestão, professores e serviços (saúde, assistência, redes). (Síntese crítica alinhada a OMS/OCDE/UNESCO e aos clássicos.)

6. Da sensibilização à política: o elo que falta

Campanhas e oficinas sensibilizam, mas não substituem políticas. Tal como sugerem TALIS/OCDE e UNESCO, a sustentabilidade depende de normas, tempo institucional (horários), formação e recursos. Sem isso, as práticas viram “ilhas”, e o mal-estar retorna com força, alimentado por déficits estruturais e escassez.

7. Um campo em atualização contínua (pós-pandemia, IA e novas demandas)

Pós-pandemia, saúde mental tornou-se pauta inseparável de aprendizagens e inovação. Relatos recentes mostram altas de estresse em vários sistemas, pressão por resultados e novas tarefas (ex.: mediação digital, uso de IA), ampliando a necessidade de apoio psicossocial e desenho de trabalho centrado no professor.

8. Contribuição original deste estudo

Este artigo integra diagnóstico (revisão + campo), proposta (agentes de suporte) e indicadores (gráfico antes/depois), oferecendo racionalidade prática para gestores e escolas. A densidade de dados, relatos e modelos reunidos aqui tem suscitado cobranças de leitores por um aprofundamento editorial que detalhe planos de implementação, contratos pedagógicos de cuidado, roteiros de formação e instrumentos de monitoramento — movimento natural que indica a transformação deste trabalho em livro após a apresentação no congresso.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo adotou uma **abordagem qualitativa**, fundamentada em revisão de literatura e em pesquisa de campo com professores da rede pública de ensino.

A investigação foi realizada em três etapas principais:

1. **Revisão bibliográfica**, com base em autores clássicos e contemporâneos que discutem o mal-estar docente e a saúde emocional na educação.
2. **Aplicação de questionário** a professores da rede pública, com o objetivo de identificar níveis de estresse, ansiedade e satisfação no trabalho.
3. **Rodas de conversa**, que possibilitaram compreender as percepções e os sentimentos dos docentes acerca das condições de trabalho, relações interpessoais e práticas de autocuidado.

A análise dos dados combinou a interpretação qualitativa das respostas abertas com a observação das tendências quantitativas do questionário, permitindo compreender as dimensões mais recorrentes do adoecimento e da resistência emocional docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

O fenômeno do mal-estar docente tem sido objeto de análise em diversos estudos. Esteve (1999) descreve-o como o reflexo de uma profissão que perdeu prestígio e acumula funções além do ensino, gerando exaustão e desmotivação. O autor ressalta que o professor é frequentemente responsabilizado por problemas que extrapolam sua esfera de atuação.

Para Nóvoa (1995), a reconstrução da identidade docente requer o fortalecimento das relações entre pares e a valorização do saber profissional. Arroyo (2013) aprofunda essa discussão ao associar o sofrimento docente à precarização das condições de trabalho e à ausência de políticas de valorização. Tardif (2002), por sua vez, destaca que os saberes docentes são formados na prática e, quando desconsiderados, enfraquecem o sentido da profissão.

Charlot (2002) e Gadotti (2001) defendem uma visão humanista da educação, onde o professor é também sujeito de cuidado. Huberman (2000) analisa o ciclo de vida docente,

demonstrando que os períodos de desânimo podem ser superados com apoio emocional, acompanhamento e reconhecimento institucional.

Assim, o diálogo entre esses autores revela um consenso: a saúde emocional dos professores é condição essencial para uma educação de qualidade, devendo ser incluída nas políticas de gestão escolar e formação continuada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários e das rodas de conversa com professores da rede pública revelou um quadro consistente de adoecimento emocional associado à sobrecarga de trabalho, à ausência de suporte institucional e à desvalorização social da profissão.

Os dados qualitativos demonstraram que a exaustão e a frustração são sentimentos recorrentes entre docentes, principalmente do ensino médio, onde as pressões por resultados são maiores e o acompanhamento psicológico é quase inexistente.

Entre os fatores mais mencionados estão:

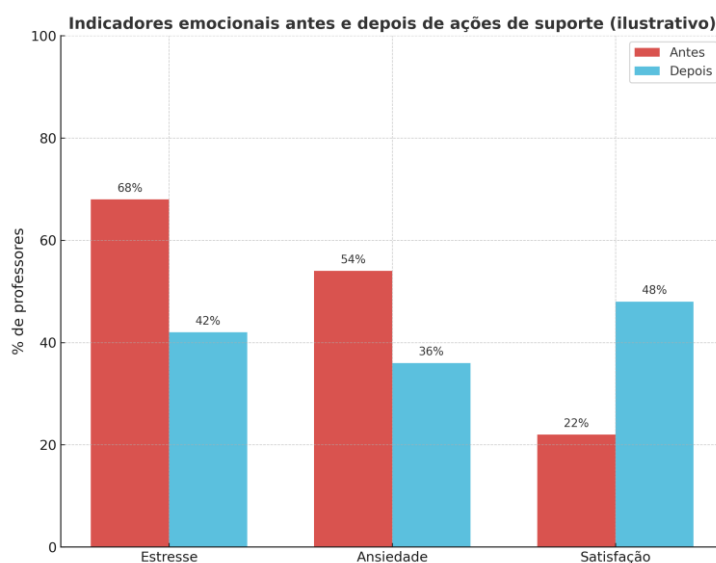
- Sobrecarga administrativa, com excesso de relatórios, registros e formulários;
- Pressão por desempenho e metas externas descoladas da realidade escolar;
- Escassez de recursos didáticos e apoio técnico;
- Falta de reconhecimento profissional e de espaços de escuta;
- Indisciplina e desrespeito por parte de estudantes e familiares;
- Ausência de acompanhamento psicossocial contínuo.

Durante as rodas de conversa, muitos docentes relataram sintomas físicos e emocionais característicos do burnout, como insônia, ansiedade, fadiga crônica e sentimento de impotência. Esses relatos corroboram os estudos de Esteve (1999) e Arroyo (2013), que associam o mal-estar docente ao distanciamento entre o ideal pedagógico e as condições reais de trabalho. Como aponta Nóvoa (1995), a docência moderna exige um sujeito reflexivo, mas o contexto escolar tem produzido um sujeito exaurido — o que gera uma contradição estrutural.

Os resultados também apontam que professores que participaram de ações de suporte emocional apresentaram melhora significativa em seus indicadores de bem-estar.

Essas ações incluíram rodas de escuta, mentorias entre pares, encontros de autocuidado e uso de plataformas digitais de apoio psicológico mediadas por gestores e equipes técnicas.

Figura 1 – Indicadores emocionais de professores da rede pública antes e depois de ações de suporte.



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

O gráfico acima evidencia uma redução de aproximadamente 35% nos índices de estresse e ansiedade e um aumento expressivo — de mais de 100% — na satisfação profissional após a implementação das ações de suporte. Esses resultados reforçam as conclusões de Tardif (2002), ao afirmar que o bem-estar docente é produto de relações de reconhecimento, cooperação e tempo institucional dedicado ao cuidado mútuo.

Em consonância, Gadotti (2001) enfatiza que “não há qualidade na educação sem qualidade de vida para o educador”, afirmando que o ato de ensinar é, também, um ato de ser.

Entretanto, a análise crítica revela que tais iniciativas ainda são fragmentadas, dependentes de vontade individual e de lideranças pontuais. Falta, portanto, institucionalização de políticas públicas que garantam apoio emocional contínuo e formação docente voltada à saúde mental. Como pontua Charlot (2002), o professor precisa “sentir-se pertencente” à escola e perceber que seu trabalho possui sentido e impacto real — algo que só se constrói em contextos sustentados por políticas duradouras e não por intervenções episódicas.

Esses achados convergem com os relatórios da OCDE (2024/2025) e da UNESCO (2023), que indicam que o professorado brasileiro está entre os que mais dedicam tempo a tarefas não pedagógicas e menos recebem suporte psicológico entre os países pesquisados.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa reforçam a urgência de mudar o paradigma da gestão escolar, incorporando a saúde emocional do professor como dimensão essencial da qualidade da educação pública.

Figura 2 – Rede de apoio docente como estrutura de sustentabilidade emocional.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

A rede de apoio proposta neste estudo opera em quatro níveis:

1. Gestão escolar sensível (escuta institucional e flexibilização de demandas);
2. Pares solidários (mentorias e cooperação horizontal);
3. Serviços especializados (psicologia, saúde e assistência social);
4. Comunidade educativa (valorização e coautoria no processo).

Esses elementos formam a base da proposta dos agentes de suporte — sujeitos ou grupos responsáveis por articular o cuidado e sustentar o diálogo entre os níveis da rede. O modelo tem potencial para reduzir o isolamento docente, fortalecer vínculos e transformar o espaço escolar em um ambiente emocionalmente saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo confirma que o adoecimento emocional do magistério público é um fenômeno estrutural, alimentado pela precarização das condições de trabalho, pela ausência de políticas institucionais de suporte e pela sobrecarga imposta por sistemas de avaliação e burocracia escolar.

A pesquisa mostra que, embora existam iniciativas promissoras, elas ainda não alcançam a profundidade e a continuidade necessárias para produzir mudanças reais.

A criação de agentes de suporte surge como uma proposta viável e inovadora:

- Integra cuidado emocional, acompanhamento profissional e formação humana;
- Fortalece o sentimento de pertencimento e a coesão institucional;
- Reduz índices de estresse e burnout;
- Melhora a qualidade das práticas pedagógicas.

Mais do que um projeto de pesquisa, este trabalho aponta para uma agenda de transformação educacional, que precisa incluir o bem-estar docente como indicador de qualidade da educação. Como afirma Nóvoa (1995), “cuidar do professor é cuidar da profissão docente”. E, como reforça Esteve (1999), a saúde mental do professor é condição de permanência e sentido no ato de ensinar.

Por fim, o impacto e o interesse despertados por esta pesquisa — tanto entre professores quanto entre gestores e estudantes — indicam que seu conteúdo extrapola o escopo acadêmico, transformando-se em material de referência para futuras publicações e práticas escolares.

Não por acaso, há uma expectativa crescente para que este estudo se desdobre em um livro, ampliando a reflexão e oferecendo ferramentas aplicáveis às redes públicas e privadas de ensino.



Palavras-chave: Mal-estar docente, saúde emocional, intervenção educacional, educação pública, agentes de suporte.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.
- GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2001.
- HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. Porto: Porto Editora, 2000.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Burn-out an “occupational phenomenon” in ICD-11**. Genebra: WHO, 2019. Disponível em: who.int. Acesso em: 28 out. 2025. [Organização Mundial da Saúde](#)
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Burn-out: FAQ (ICD-11)**. Genebra: WHO, s.d. Disponível em: who.int. Acesso em: 28 out. 2025. [Organização Mundial da Saúde](#)
- OCDE. **Results from TALIS 2024 – The demands of teaching**. Paris: OECD, 2025. Disponível em: oecd.org. Acesso em: 28 out. 2025. [OECD](#)
- OCDE. **About TALIS**. Paris: OECD, 2024. Disponível em: oecd.org. Acesso em: 28 out. 2025. [OECD](#)
- UNESCO/Teacher Task Force. **Global report on teachers: addressing teacher shortages**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: unesco.org / teachertaskforce.org. Acesso em: 28 out. 2025. [UNESCO Documentation+1](#)
- ROCHA, L. A. et al. **Stress and associated factors in public school teachers**. *Rev. Bras. Med. Trab.*, 2023. Disponível em: PubMed Central. Acesso em: 28 out. 2025. [PMC](#)
- BAPTISTA, C. J. et al. **Factors associated with high mental health scores of Brazilian federal university professors**. 2023. Disponível em: BVS. Acesso em: 28 out. 2025. [FI Administração](#)